

Data: 22.01.2021

Título: Governo e comportamento coletivo

Pub: **Expresso** **ECONOMIA**



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;31



Governo e comportamento coletivo

SANDRA
MAXIMIANO E31

Área: 425cm²/ 16%

FOTO Titagem: 123.400

Cores: 4 Cores

ID: 7041590



A RESPONSABILIDADE DO GOVERNO NO COMPORTAMENTO COLETIVO

A situação pandémica em Portugal está descontrolada. O número diário de mortes é o equivalente à queda catastrófica de uma avião com mais de uma centena de passageiros e sem sobreviventes. Se um acidente desta dimensão acontecesse, seria decretado o luto nacional como forma de pesar e solidariedade pelas vítimas. No entanto, apesar da tragédia diária que enfrentamos, cada vítima de covid-19 não é mais do que um número sem rosto que engrossa uma estatística dia após dia. Equivalente a isto só mesmo uma guerra.

Todos nós conhecemos direta ou indiretamente vítimas de covid. E não apenas os que padeceram ou faleceram da doença, mas também vítimas económicas e sociais. E mesmo assim, coletivamente, tentamos viver como se nada fosse. O Governo apela e desespera. As palavras da ministra Marta Temido — “Por favor, ajudem-nos todos!” — aliadas a um rosto sofrido e desgastado são o espelho do descontrolo e desespero.

Mas, por muito que se tente responsabilizar os cidadãos pela catástrofe, os decisores políticos são os principais responsáveis. Por um lado, houve uma má gestão da pandemia após o desconfinamento, um fraco planeamento da segunda e terceira vagas e um tomar de medidas ao sabor da espuma dos dias. Por outro, o Governo tem uma enorme responsabilidade

pelo comportamento coletivo e por ignorar os avisos e sugestões de psicólogos, sociólogos, antropólogos e economistas comportamentais.

A perceção e o comportamento dos cidadãos não é apenas um produto do desgaste físico e mental dos largos meses de pandemia, mas resulta sobretudo das ações erráticas do Governo, das constantes falhas de comunicação e do turbilhão de medidas complexas e restrições avulso. O Governo, se quer promover um determinado comportamento social, precisa, primeiro, de compreender o comportamento humano e, segundo, de implementar incentivos formais e informais que criem comportamentos previsíveis adequados. De uma vez por todas, há que considerar a teoria do Nudge, reconhecida com o Prémio Nobel em 2017.

Deixo aqui alguns princípios básicos. Primeiro, é preciso que a informação e os objetivos da intervenção sejam simples e claros; se o objetivo é confinar, apresentar uma multiplicidade de regras e exceções faz com que o foco deixe de ser o “ficar em casa” para passar a ser o “perceber quando se pode sair de casa”. Segundo, cabe ao Governo também identificar as barreiras comportamentais, como o comportamento de manada, o excesso de confiança, os problemas de autocontrolo, que impedem a eficácia da implementação de alguma regra, como o confinamento. Tercei-

Cada vítima de covid-19 não é mais do que um número sem rosto que engrossa uma estatística dia após dia. Equivalente a isto só mesmo uma guerra

ro, é preciso tornar a escolha mais acertada a escolha-padrão para o indivíduo; por exemplo, em vez de se pedir para usarmos máscara em determinados contextos, ressaltar as situações onde se poderá retirar a máscara. Quarto, dar *feedback* constante sobre se os comportamentos estão de acordo ou não com o comportamento que se pretende implementar; para tal, deve-se recorrer ao uso das normas sociais, mostrando o quanto o nosso comportamento se desvia da norma ou do comportamento de um importante *influencer*.

Sobre o comportamento e perceção das pessoas, importa ressaltar vários aspetos. Primeiro, o medo que se tinha em março, o medo de um vírus desconhecido, não é o medo que se tem hoje. Há muitas mais pessoas com medo das consequências económicas da pandemia. Há agora também a vacina e a sensação de que o Governo pode resolver o problema com um plano de

O discurso da possibilidade de salvar o Natal criou a ideia de que somos capazes de pôr o vírus numa fila de espera

vacinação rápido e eficaz. Mais, o desgaste físico e o emocional tornam difícil que se aceite o

segundo confinamento com a mesma calma e respeito com que se aceitou o primeiro. Não haverá receitas de pão caseiro, festas *online*, canções à janela e palmas que romantizem a situação. Vivemos também um momento de crescente dualidade de perceções. Há quem queira um confinamento geral e quem ache que este vírus é uma mera conspiração.

Por último, ressalta-se as constantes mensagens erradas dos governantes. A inércia destes durante o verão e a não preparação das escolas para um adequado ensino à distância criaram a sensação de que tudo se resolve e que o vírus é sazonal. O discurso da possibilidade de salvar o Natal criou a ideia de que somos capazes de

pôr o vírus numa fila de espera. E agora as eleições, a campanha eleitoral que não parou, a impossibilidade de implementar um voto eletrónico e governantes em *stand-by* até segunda-feira fazem-nos acreditar que está tudo bem. Até

lá, valem-nos as imagens das ambulâncias à porta dos hospitais e a esperança de que estas criem em nós, senão compaixão, pelo menos medo de cair em tal desfortuna.

Economista, professora do ISEG,
Universidade de Lisboa



FOTO RUI DUARTE SILVA